

Adaptação transcultural para o português do *Social Phobia Inventory* (SPIN) para utilização entre estudantes adolescentes

Liliane Vilete*
Ivan Figueira**
Evandro Coutinho***

INTRODUÇÃO

A fobia social é definida como um medo acentuado e persistente de situações sociais e de desempenho, as quais o indivíduo enfrenta com grande sofrimento e/ou evita, levando a um conseqüente prejuízo no seu funcionamento acadêmico, social ou ocupacional¹. Esse transtorno vem sendo descrito como tendo, mais freqüentemente, início na adolescência e curso crônico²⁻⁴ e como sendo precedente de outras comorbidades, como transtorno de somatização, depressão maior, transtorno obsessivo-compulsivo, distímia e abuso de

álcool e outras substâncias⁵. Entretanto, apenas uma pequena parcela dos adolescentes fóbicos sociais procuram tratamento⁶.

É crescente o interesse em estudar este transtorno entre faixas etárias jovens, por se questionar se a intervenção precoce em uma condição potencialmente tratável poderia ajudar a prevenir tais complicações tardias.

Devido à praticidade dos instrumentos de autopreenchimento, reduzindo custo e tempo de pesquisas, vários questionários para a detecção da fobia social vêm sendo desenvolvidos em outros países. São numerosas as vantagens de utilizarmos instrumentos de medida já validados e amplamente utilizados por outros pesquisadores. Além de nos poupar tempo e dinheiro – uma vez que a concepção, desenvolvimento e consolidação de um novo instrumento é muito trabalhosa e dispendiosa –, permite-nos também comparar os resultados obtidos em pesquisas com populações distintas^{7,8}. No entanto, para que tais instrumentos sejam utilizados em diferentes realidades socioculturais, é necessário um processo de tradução e adaptação

Este trabalho é baseado na tese acadêmica intitulada "Tradução, adaptação para o português e estudo da qualidade de um instrumento para a identificação da fobia social em uma população de adolescentes", defendida em 2002 na Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, RJ.

* Mestre, Escola Nacional de Saúde Pública – Fundação Oswaldo Cruz (ENSP-FIOCRUZ), Rio de Janeiro, RJ. Médica, Instituto de Psiquiatria – Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB-UFRJ), Rio de Janeiro, RJ.

** Doutor, IPUB-UFRJ, Rio de Janeiro, RJ. Professor adjunto, Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ.

*** Doutor, Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA. Pesquisador titular, Departamento de Epidemiologia e Métodos Quantitativos, ENSP-FIOCRUZ, Rio de Janeiro, RJ.

abrangentes, na tentativa de alcançar uma equivalência cultural, com posterior estudo de sua validade nesta nova população⁹.

Historicamente, a adaptação de instrumentos elaborados em outro idioma se detinha à simples tradução do original ou, excepcionalmente, à comparação literal deste com versões retraduzidas⁸. Atualmente, no entanto, é reconhecido que, se medidas devem ser usadas através de culturas, os itens não devem ser apenas bem traduzidos lingüisticamente, mas devem também ser adaptados culturalmente, para manterem a validade de conteúdo do instrumento em um nível conceitual^{10,11}. Apesar do avanço das reflexões a esse respeito, ainda não existe consenso quanto à melhor estratégia de adaptação, existindo, na literatura, diferentes propostas metodológicas para a realização desse processo^{7,8,10-13}.

No contexto brasileiro, desconhecemos estudos de base populacional sobre a fobia social nessas faixas etárias jovens. Além disso, até o momento da realização deste presente trabalho, nenhum instrumento de autopreenchimento para a detecção da fobia social havia sido validado para a população brasileira. Recentemente, foram publicados os estudos sobre as versões em português dos instrumentos SPAI (*Social Phobia and Anxiety Inventory*) e SPAI-C – desenvolvidos para indivíduos maiores de 14 anos e para crianças, respectivamente¹⁴⁻¹⁷.

Com a intenção de, em posterior estudo, podermos utilizar um instrumento de autopreenchimento para a estimativa da prevalência da fobia social entre uma população de adolescentes da rede de pública de ensino do município do Rio de Janeiro, optamos por realizar a tradução, a adaptação cultural e a validação do *Social Phobia Inventory* (SPIN) para esta população.

O SPIN é um instrumento originalmente de língua inglesa e consiste de apenas 17 itens, que abarcam três importantes dimensões que definem a fobia social: o medo, a esquiva das situações e os sintomas de desconforto físico. Engloba tanto situações de desempenho quanto de interação social. Para cada item do questionário, solicita-se ao indivíduo que ele indique o quanto as situações ou sintomas descritos o incomodaram na última semana, devendo este marcar uma entre as cinco opções, que variam de “*Not at all*” a “*Extremely*”. A pontuação para cada uma das gradações varia, portanto, de 0 a 4, e a pontuação total irá variar de 0 a 68. A avaliação psicométrica

realizada pelos autores do instrumento, com 353 indivíduos com média de idade de 36 anos, demonstrou boa consistência interna (α de Cronbach variando de 0,82 a 0,94) e boa confiabilidade teste-reteste do instrumento, através do método desenvolvido por Bland & Altman¹⁸ e do coeficiente de correlação de Spearman (variando de 0,78 a 0,89). A validade de critério, utilizando a entrevista clínica como padrão-ouro, estimou uma sensibilidade variando de 0,73 a 0,85, e especificidade, de 0,69 a 0,84 sendo proposto o uso do escore 15 como ponto de corte para diferenciar fóbicos sociais e voluntários saudáveis. Demonstrou, ainda, boa capacidade de discriminação entre a efetividade de diferentes tratamentos¹⁹.

O instrumento foi escolhido não só por suas boas propriedades psicométricas, mas, sobretudo, por sua simplicidade e aparente melhor adequação à faixa etária da população do estudo, o que pôde ser percebido durante visita ao campo para conhecimento da população-alvo. Os conceitos apreendidos foram considerados pertinentes à nossa cultura (equivalência conceitual), e seus itens foram considerados adequados quanto à sua capacidade de representar tais conceitos na população em que pretendemos utilizá-lo (equivalência de itens).

Neste artigo, apresentamos detalhadamente o processo de tradução e adaptação cultural do SPIN para a língua portuguesa, para sua utilização entre adolescentes brasileiros da rede pública de ensino do Rio de Janeiro.

METODOLOGIA

O processo de adaptação transcultural envolveu quatro etapas: tradução; retroversão; apreciação das versões com elaboração de uma versão de consenso; e pré-teste comentado com elaboração da versão final (ver figura 1).

Inicialmente, foram feitas duas traduções do SPIN para o português (T1 e T2) por dois psiquiatras com experiência em fobia social, com língua materna portuguesa e fluência na língua inglesa. Essas versões foram realizadas de forma independente pelos dois profissionais, sem que eles tomassem conhecimento da tradução feita pelo colega. Ambos estavam orientados sobre a população-alvo em que o instrumento seria utilizado (adolescentes da rede de ensino público), tendo sido indicada a necessidade de utilização de palavras simples e familiares a

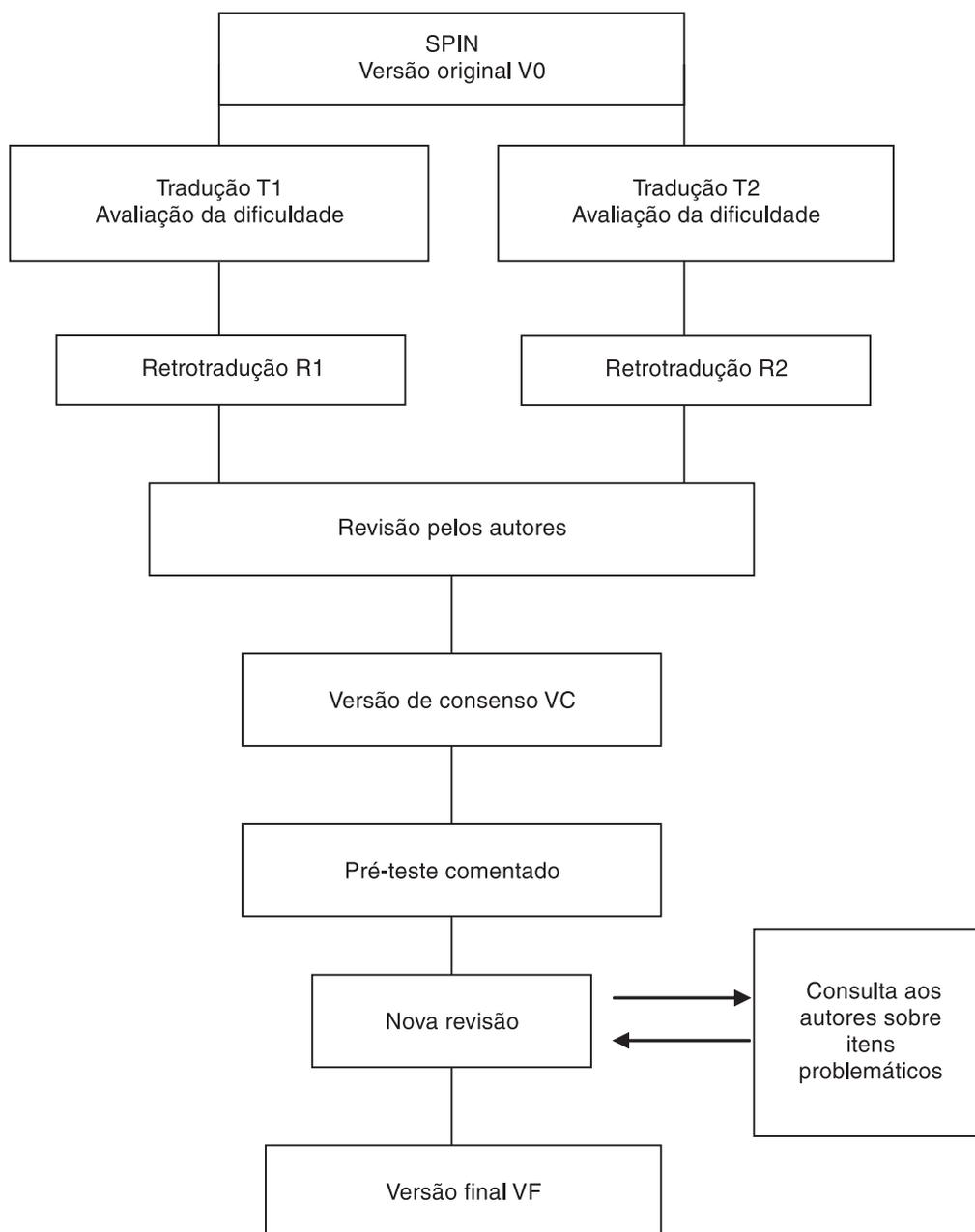


Figura 1 - Fases do processo de adaptação transcultural do SPIN.

esse meio. Também estava indicada a necessidade de que as traduções fossem semânticas, e não apenas literais, e que se procurasse utilizar palavras que produzissem o mesmo impacto no nosso contexto cultural, visando à reprodução de uma mesma resposta emocional. Isso porque palavras com um

mesmo significado literal possuem impactos distintos (por exemplo: medo, pânico, pavor). Foi-lhes solicitado, também, que pontuassem cada item de acordo com sua impressão subjetiva do grau de dificuldade/facilidade que haviam tido na sua tradução, utilizando uma escala numérica que variava de 0 (muito difícil)

a 100 (muito fácil). Os itens assim ditos “problemáticos” poderiam ser reavaliados atentamente na etapa de apreciação e elaboração de versão de consenso, bem como levados à discussão durante a fase pré-teste, considerando que poderiam acarretar uma dificuldade maior de compreensão pela população-alvo.

Cada uma das traduções foi, então, retrovertida de forma independente por um tradutor bilíngüe diferente (R1 e R2). Ambos eram de língua materna inglesa, com fluência na língua portuguesa e residentes no Brasil – um com formação em medicina e outro sem formação profissional na área da saúde. Os tradutores responsáveis pela retrotradução não tinham conhecimento da versão original em inglês.

Essas versões e retroversões foram, então, apreciadas pelos autores, através da comparação com o texto original para correção de discrepâncias e elaboração de uma versão de consenso (VC). Para compor essa versão, foram selecionados de cada tradução em português (T1 e T2) os itens que melhor pareciam corresponder ao objetivo definido inicialmente, isto é, que resguardassem as equivalências semântica (as palavras têm o mesmo significado?), idiomática (existe equivalência de gírias e expressões coloquiais?), conceitual (existe homogeneidade de conceitos entre as culturas?) e de experiência dos termos (segundo Beaton et al.¹¹) e que se apresentassem com vocabulário simples e direto. Alguns itens da versão de consenso foram compostos por uma combinação de termos dos itens das duas versões.

Com a versão de consenso, um pré-teste foi realizado, com a participação de adolescentes de uma escola politécnica e de um ambulatório de psiquiatria infanto-juvenil, com idades entre 13 e 18 anos, para a avaliação da compreensão e verificação da aceitabilidade do instrumento e para a realização de correções necessárias. Vinte adolescentes comentaram as questões da versão de consenso, apontando dificuldades e sugerindo termos de mais fácil compreensão. A partir dessas sugestões, foi elaborada a versão final (VF) em português do questionário SPIN, incluindo algumas explicações entre parênteses para aquelas expressões consideradas de difícil compreensão.

As etapas do processo e a versão final em português foram aprovadas pelos autores da versão original.

RESULTADOS

O quadro 1 apresenta os itens da versão original, das traduções (com respectivos “graus de facilidade”), das retrotraduções e da versão de consenso do SPIN (antes de alterações do pré-teste).

As versões feitas por ambos os tradutores para o enunciado e para as categorias do instrumento, bem como para os itens 3, 5, 6, 8, 10, 14 e 15, foram idênticas ou praticamente idênticas. No item 14, priorizamos a versão cujos termos foram retrotraduzidos com maior proximidade dos termos originais, uma vez que não se observou diferença entre as versões em termos de simplicidade ou melhor adequação à faixa etária que se pretendia estudar.

Nos outros itens, também, ou foi priorizada uma versão sobre a outra, ou ambas foram combinadas na versão de consenso, sempre com o objetivo de se conseguir maior clareza do item.

No primeiro item, optamos por simplificar a expressão “*people in authority*” com a utilização apenas da palavra “autoridades”, de uso corriqueiro em nosso meio. Com a permissão dos autores da versão original, também foram incluídos exemplos de autoridades para a população-alvo (escolares), indicando-os entre parênteses.

No item 2, ainda que “corar” nos tenha parecido mais usual do que “ruborizar”, também optamos por acrescentar uma explicação ao termo, incluindo, entre parênteses, a expressão “ficar vermelho”, em virtude da possibilidade de limitação de vocabulário da população-alvo.

No item 4, priorizamos a tradução T1 sobre a T2, por considerarmos mais simples a expressão “não conheço” do que “desconheço”.

Já no item 7, optamos pela tradução T2 para o termo “*distress*” (“mal-estar”), aparentemente mais apropriado do que o termo “angústia”.

No item 11, utilizamos ambos os termos escolhidos pelos tradutores para a palavra “*speeches*” (“discursos ou palestras”), também acrescentando, entre parênteses, exemplos de situações potencialmente vividas pela população-alvo.

No item 13, a expressão “palpitações do coração” nos pareceu mais explícita do que “palpitações cardíacas”, sendo escolhida, portanto, a versão T1.

Também no item 17, optamos por uma combinação das duas versões. Da primeira versão, por acreditarmos que seria redundante traduzirmos separadamente “*trembling*” e

Quadro 1 - Exemplos da versão original, traduções, retrotraduções e versão de consenso do SPIN (antes de alterações do pré-teste)

Versão original	Traduções	GF	Retrotraduções	Versão de consenso
1. <i>I am afraid of people in authority.</i>	T1 1. Eu tenho medo de autoridades.	40	R1 1. <i>I fear authorities.</i>	1. Eu tenho medo de autoridades (por exemplo, professores, instrutores, diretor, etc).
	T2 1. Eu tenho medo de pessoas de autoridade.	95	R2 1. <i>I'm afraid of people in positions of authority.</i>	
2. <i>I am bothered by blushing in front of people.</i>	T1 2. Eu fico incomodado de corar na frente dos outros.	70	R1 2. <i>I am bothered by blushing in front of others.</i>	2. Eu fico incomodado de corar (ficar vermelho) na frente dos outros.
	T2 2. Eu me incomodo ao ruborizar na frente das pessoas.	98	R2 2. <i>It bothers me to blush in front of people.</i>	
3. <i>Parties and social events scare me.</i>	T1 3. Festas e eventos sociais me assustam.	90	R1 3. <i>Parties and social events scare me.</i>	3. Festas e eventos sociais me assustam.
	T2 3. Festas e eventos sociais me assustam.	100	R2 3. <i>Parties and social events scare me.</i>	
4. <i>I avoid talking to people I don't know.</i>	T1 4. Eu evito falar com pessoas que eu não conheço.	100	R1 4. <i>I avoid talking to people I don't know.</i>	4. Eu evito falar com pessoas que eu não conheço.
	T2 4. Eu evito falar com pessoas que desconheço.	98	R2 4. <i>I avoid speaking with people that I do not know.</i>	
6. <i>Fear of embarrassment causes me to avoid doing things or speaking to people.</i>	T1 6. O medo de constrangimento me faz evitar fazer coisas ou falar com outras pessoas.	90	R1 6. <i>Fear of embarrassment makes me avoid doing things or speaking to others.</i>	6. O medo de constrangimento me faz evitar fazer coisas ou falar com outras pessoas.
	T2 6. Medo do constrangimento faz com que eu evite fazer coisas ou falar com pessoas.	100	R2 6. <i>Fear of embarrassment makes me avoid doing things or talking to people.</i>	
7. <i>Sweating in front of people causes me distress.</i>	T1 7. Suar na frente dos outros me causa angústia.	40	R1 7. <i>Sweating in front of others causes me anxiety.</i>	7. Suar na frente dos outros me causa mal-estar.
	T2 7. Suar na frente das pessoas me causa mal-estar.	95	R2 7. <i>Sweating in front of people causes me to feel badly.</i>	
10. <i>Talking to strangers scares me.</i>	T1 10. Falar com estranhos me assusta.	80	R1 10. <i>Talking to strangers scares me.</i>	10. Falar com estranhos me assusta.
	T2 10. Falar com estranhos me assusta.	100	R2 10. <i>Speaking with strangers scares me.</i>	
13. <i>Heart palpitations bother me when I am around people.</i>	T1 13. Palpitações do coração me incomodam quando eu estou perto dos outros.	50	R1 13. <i>Palpitations bother me when I'm near others.</i>	13. Palpitações do coração me incomodam quando eu estou perto dos outros.
	T2 13. Palpitações cardíacas me incomodam quando estou junto de outras pessoas.	95	R2 13. <i>Heart palpitations bother me when I'm with other people.</i>	
14. <i>I am afraid of doing things when people might be watching.</i>	T1 14. Eu tenho medo de fazer coisas quando as pessoas podem estar olhando.	80	R1 14. <i>I'm afraid to do things when others may be watching.</i>	14. Eu tenho medo de fazer coisas quando as pessoas possam estar olhando.
	T2 14. Eu tenho medo de fazer coisas quando outras pessoas possam estar me vendo.	100	R2 14. <i>I fear doing things when other people can see me.</i>	
17. <i>Trembling or shaking in front of others is distressing to me.</i>	T1 17. Tremer na frente dos outros é angustiante para mim.	90	R1 17. <i>Trembling in front of others is a source of anxiety for me.</i>	17. Tremer na frente dos outros me causa mal-estar.
	T2 17. Tremer "ou ficar se sacudindo todo" na frente dos outros me causa mal-estar.	50	R2 17. <i>Trembling or shaking all over in front of others makes me feel badly.</i>	
(Categorias de resposta dos itens) <i>Not at all;</i> <i>A little bit;</i> <i>Somewhat;</i> <i>Very much;</i> <i>Extremely.</i>	T1 Nem um pouco; Um pouquinho; Alguma coisa; Muito; Extremamente.	90	R1 <i>Not at all;</i> <i>A little;</i> <i>Somewhat;</i> <i>Very;</i> <i>Extremely.</i>	Nem um pouco; Um pouquinho; Alguma coisa; Muito; Extremamente.
	T2 Nada; Um pouco; Moderadamente; Muito; Extremamente.	85	R2 <i>Nothing;</i> <i>A bit;</i> <i>Moderately;</i> <i>Very much;</i> <i>Extremely.</i>	

“*shaking*”, consideramos que a utilização apenas do termo “tremor” já estaria apropriada para indicar corretamente a situação que se desejava investigar. E, da segunda, preferimos novamente a expressão “me causa mal-estar” ao invés de “é angustiante para mim”.

Durante a realização do pré-teste comentado com os 20 adolescentes participantes, novas alterações foram feitas, na tentativa de adequarmos ainda mais o questionário à compreensão da população-alvo. Alguns adolescentes sugeriram que, na primeira coluna da gradação de sintomas, fosse substituída a expressão “nem um pouco” pela de igual valor “nada”, expressão esta que havia sido sugerida pelo tradutor 2, mas que havia sido preterida em função da retroversão literal obtida pela primeira versão. Como nosso objetivo era de equivalência semântica e não literal, a expressão “nada” foi considerada definitiva, acatando a sugestão do pré-teste. Os adolescentes foram também interrogados quanto à possibilidade de utilização dos termos “intimidar” ou “amedrontar” nos itens 3 e 10, em substituição ao termo “assustar”, mas, ainda assim, houve preferência pelo último, que foi, então, mantido. Foi sugerida pelos participantes a troca da expressão “o medo de constrangimento” pela semelhante, mas, segundo indicaram, de mais fácil compreensão, “o medo de ficar constrangido”. “Palpitações” foi o termo que mais gerou dúvida entre os adolescentes, que chegaram a explicá-lo de maneiras bastante curiosas: “quando o coração dói”; “quando o coração fala, isto é, quando o coração dá palpito”. Por esta razão, também incluímos na versão final uma explicação entre parênteses para a expressão, indicando: “batidas fortes e rápidas do coração”. Não houve dificuldade aparente de nenhum outro termo durante o pré-teste.

A versão final do SPIN elaborada após o pré-teste, e com o *layout* utilizado nos trabalhos de campo em estudos posteriores, pode ser vista em Anexo.

DISCUSSÃO

Ainda não há consenso sobre qual a melhor maneira de se realizar uma adaptação transcultural, uma vez que pouca pesquisa vem sendo feita nesse campo para delinear o que é essencial e o que é suplementar nesse processo¹⁰. No entanto, cada vez mais algumas diretrizes vêm sendo seguidas, e nós optamos pela utilização de dois tradutores e dois retrotradutores independentes, para possibilitar

a comparação entre as versões, a identificação de erros em alguns itens e a escolha dos termos mais adequados. Como também vem sendo proposto atualmente na literatura^{8,10-12}, valorizamos a equivalência semântica, e não a literal entre os termos, uma vez que nem sempre a literal se mostra mais vantajosa em expressar conceitos ou situações da nova população que se deseja estudar.

Uma maneira que pode facilitar a tradução para termos de melhor adequação à população geral, evitando-se jargões e termos técnicos (por exemplo, palpitações “cardíacas”), é a utilização de um tradutor para o português sem formação na área de saúde, o que não foi feito nesse processo por razões práticas, com a utilização de dois autores desse estudo na tradução. No entanto, os termos inadequados para a população-alvo puderam ser revistos e substituídos durante a aplicação do pré-teste.

A “gradação de facilidade” feita pelos tradutores é uma avaliação subjetiva que não foi utilizada como critério para a escolha dos itens da versão final. Foi utilizada apenas como uma maneira de ressaltar os itens “problemáticos” para sua apreciação no pré-teste.

Não foi aceita a inclusão de expressões como gírias, embora algumas tenham sido sugeridas no pré-teste pelos adolescentes (por exemplo, “medo de pagar mico”), para evitar regionalismos e permitir uma maior utilização do instrumento no contexto nacional, e também pelas mudanças que as gírias tendem a sofrer ao longo do tempo.

Optamos também por alterarmos ao mínimo a estrutura do instrumento original, não incluindo ou excluindo itens da escala, a fim de não promovermos maiores alterações das propriedades psicométricas e permitirmos a comparação das duas versões.

Na versão em português, também utilizamos os mesmos pesos dos itens do instrumento original.

Quanto ao título do instrumento, embora o termo “inventário” seja uma palavra pouco conhecida por nossa população-alvo, optamos por não adaptarmos “*inventory*” a “questionário”, para não alterarmos as iniciais da sigla da escala original e permitir sua melhor distinção de outros instrumentos de fobia social – como, por exemplo, do *Social Phobia Screening Questionnaire* (SPSQ). Sugerimos aos pesquisadores, portanto, que utilizem a versão em português do SPIN e expliquem o título do instrumento (com os objetivos deste) à população que se deseja estudar, a fim de evitar possíveis más interpretações.

A adaptação transcultural tenta assegurar uma consistência na validade de conteúdo e de face entre as versões do questionário (original e na língua-alvo), não garantindo, entretanto, que serão preservadas a confiabilidade e a validade de critério da versão original. Diferenças sutis nos hábitos de vida nas diferentes culturas podem levar um item do questionário a ser mais ou menos difícil de ser compreendido, podendo alterar as propriedades psicométricas e estatísticas do instrumento. Portanto, para que a adaptação transcultural seja plenamente alcançada, é também necessário um estudo de equivalência de mensuração, com avaliação da confiabilidade e validade da nova versão. O estudo de confiabilidade do SPIN foi descrito em artigo já publicado pelos autores²⁰, e o artigo sobre o estudo preliminar de sua validade de critério²¹ se encontra em fase de elaboração.

CONCLUSÃO

Instrumentos elaborados em língua estrangeira necessitam de processo cuidadoso de adaptação transcultural para sua utilização em uma realidade sociocultural distinta. As etapas percorridas para a elaboração da versão brasileira do SPIN permitiram a disponibilização de mais um instrumento para a avaliação da fobia social em grupos populacionais, com boa compreensão e aceitação entre os adolescentes da rede pública de ensino.

REFERÊNCIAS

1. American Psychiatric Association. DSM IV: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995.
2. Chaleby KS, Raslan A. Delineation of social phobia in Saudi Arabians. *Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol*. 1990;25:324-7.
3. Schneier FR, Johnson J, Hornig CD, Liebowitz MR, Weissman MM. Social phobia: comorbidity and morbidity in an epidemiologic sample. *Arch Gen Psychiatry*. 1992;49:282-8.
4. Pine DS, Cohen P, Gurley D, Brook J, Ma Y. The risk for early-adulthood anxiety and depressive disorders in adolescents with anxiety and depressive disorders. *Arch Gen Psychiatry*. 1998;55:56-64.
5. Schatzberg AF, Samson JA, Rothschild AJ, Bond TC, Regier DA. McLean Hospital depression research facility: early-onset phobic disorders and adult-onset major depression. *Br J Psychiatry Suppl*. 1998;34:29-34.
6. Essau CA, Conradt J, Petermann F. Frequency and comorbidity of social phobia and social fears in adolescents. *Behav Res Ther*. 1999;37:831-43.
7. Mas Pons R, Escriba Agüir V. La versión castellana de la escala The Nursing Stress Scale. Proceso de adaptación transcultural. *Rev Esp Salud Publica*. 1998;72:529-38.
8. Moraes CL, Hasselmann MH, Reichenheim ME. Adaptação transcultural para o português do instrumento Revised Conflict Tactics Scales (CTS2), utilizado para identificar violência entre casais. *Cad Saude Publica*. 2002;18:163-76.
9. Szklo M, Nieto FJ. Quality assurance and control. In: Szklo M, Nieto FJ, eds. *Epidemiology: beyond the basics*. Maryland: Aspen Publishers; 2000. p. 343-404.
10. Guillemin F, Bombardier C, Beaton D. Cross-cultural adaptation of health-related quality of life measures: literature review and proposed guidelines. *J Clin Epidemiol*. 1993;46:1417-32.
11. Beaton DE, Bombardier C, Guillemin F, Ferraz MB. Guidelines for the process of cross-cultural adaptation of self-report measures. *Spine*. 2000;25:3186-91.
12. Reichenheim ME, Moraes CL, Hasselmann MH. Equivalência semântica da versão em português do instrumento Abuse Assessment Screen para rastrear a violência contra a mulher grávida. *Rev Saude Publica*. 2000;34:610-6.
13. Perneger TV, Leplege A, Letter J-F. Cross-cultural adaptation of a psychometric instrument: two methods compared. *J Clin Epidemiol*. 1999;52:1037-46.
14. Picon P, Gauer G, Manfro G, Beidel D, Turner S. Estudo de confiabilidade da versão em português do Inventário de Ansiedade e Fobia Social (SPAI) em voluntários brasileiros bilingües. *Rev Bras Psiquiatr*. 2002;24(supl 2):26-43. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462002000600004&lng=en&nrm=iso&tlang=pt.
15. Gauer GJ, Picon P, Vasconcellos SJ, Turner SM, Beidel DC. Validation of the Social Phobia and Anxiety Inventory for Children (SPAI-C) in a sample of Brazilian children. *Braz J Med Biol Res*. 2005;38(5):795-800.
16. Picon P, Gauer GJ, Hirakata VN, Haggstrom LM, Beidel DC, Turner SM, et al. Reliability of the Social Phobia and Anxiety Inventory (SPAI) Portuguese version in a heterogeneous sample of Brazilian university students. *Rev Bras Psiquiatr*. 2005;27(2):124-30.
17. Picon P, Gauer GJ, Fachel JMG, Manfro GG. Desenvolvimento da versão em português do Social Phobia and Anxiety Inventory (SPAI). *Rev Psiquiatr RS*. 2005;27(1):40-50.
18. Bland JM, Altman DG. Statistical methods for assessing agreement between two methods of clinical measurement. *Lancet*. 1986;1:307-10.
19. Connor KM, Davidson JRT, Churchill LE, Sherwood A, Foa E, Weisler RH. Psychometric properties of the Social Phobia Inventory (SPIN). *Br J Psychiatry*. 2000;176:379-86.
20. Vilete LMP, Coutinho ESF, Figueira ILV. Confiabilidade da versão em português do Inventário de Fobia Social (SPIN) entre adolescentes estudantes do município do Rio de Janeiro. *Cad Saude Publica*. 2004;20:89-99.
21. Vilete LMP. Tradução, adaptação para o português e estudo da qualidade de um instrumento para a identificação da fobia social em uma população de adolescentes [dissertação]. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública; 2002.

RESUMO

Introdução: É crescente o interesse em estudar a Fobia Social, sobretudo em faixas etárias jovens, requerendo instrumentos de autopreenchimento para identificação do transtorno. Esse estudo consistiu na adaptação transcultural do Social Phobia Inventory (SPIN) para sua utilização entre adolescentes estudantes brasileiros.

Métodos: O processo de adaptação envolveu quatro etapas: tradução; retroversão; apreciação das versões com elaboração de uma versão de consenso; e pré-teste comentado.

Resultados: Para cada item do instrumento, são apresentados os resultados das quatro etapas e a versão final do instrumento em português.

Discussão: É importante a utilização de mais de uma tradução e retroversão para possibilitar a comparação dos itens e a identificação de erros e assim permitir a escolha dos termos mais adequados. A realização do pré-teste comentado em um grupo semelhante à população alvo possibilita a melhor adequação do instrumento à população em que será utilizado.

Conclusão: Instrumentos elaborados em língua estrangeira necessitam de processo cuidadoso de adaptação transcultural para sua utilização em uma realidade sociocultural distinta.

Descritores: Transtornos fóbicos, tradução, questionário, SPIN, fobia social.

ABSTRACT

Introduction: There has been a growing interest in the study of social phobia, mainly among young people, which demands self-report instruments to identify the disorder. In this study a cross-cultural adaptation of the Social Phobia Inventory (SPIN) was carried out to be used with Brazilian adolescent students.

Methods: The adaptation process was conducted in four stages: translation; back translation; critical appraisal of the versions to develop a consensual version; and commented pretest.

Results: The results of the four stages and the final version are showed for each item of the instrument.

Discussion: The use of more than one translation and back translation is important to allow the comparison of the items, detection of errors and thus choose more appropriate terms. The commented pretest performed in a group similar to the target population allows a better adequacy of the instrument to the population to which it will be applied.

Conclusion: Instruments developed in a foreign language need a careful cross-cultural adaptation process in order to be used in a different reality.

Keywords: Phobic disorders, translation, questionnaire, SPIN, social phobia.

Title: Portuguese-language cross-cultural adaptation of the Social Phobia Inventory (SPIN) to be used with adolescent students

RESUMEN

Introducción: Es creciente el interés en estudiar la Fobia Social, sobre todo en el franjas de la edad de los jóvenes, requiriendo instrumentos de auto relleno para la identificación del trastorno. Ese estudio consistió en la adaptación del Social Phobia Inventory (SPIN), para su utilización entre los adolescentes estudiantes brasileños.

Métodos: El proceso de adaptación abarca cuatro etapas: Traducción, Retroversión, apreciación de las Versiones, con elaboración de otra versión de Acuerdos y preteste comentado.

Resultados: Para cada ítem del instrumento, son presentados los resultados de las cuatro etapas y la versión final del instrumento en portugués

Discusión: Es importante la utilización de más de una traducción y retraducción para posibilitar la comparación de cada ítem y la identificación de los errores, permitiendo que se elijan los términos mas apropiados. La realización del preteste comentado, en un grupo semejante a la población meta posibilita la mejor adecuación del instrumento de la población en que será utilizado.

Conclusión: Instrumentos en lengua extranjera necesitan de un proceso cuidadoso de adaptación transcultural para su utilización en una realidad socio cultural distinta.

Palabras clave: Trastornos fóbicos, traducción, cuestionario, SPIN, fobia social.

Título: Adaptación transcultural al portugués del Social Phobia Inventory (SPIN) para utilización entre estudiantes adolescentes

Correspondência:

Liliane Vilete

Av. Venceslau Brás, 71, fundos

CEP 22290-140 – Rio de Janeiro – RJ

Fone: (21) 2295.5549

E-mail: lilianevilete@hotmail.com

Copyright © Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul – SPRS

Anexo - Social Phobia Inventory (SPIN), versão final em português

INVENTÁRIO DE FOBIA SOCIAL (SPIN)

Iniciais _____ Idade _____ Sexo _____ Data ___/___/___

Por favor, verifique quanto (com que intensidade) os problemas seguintes incomodaram você durante a última semana. Marque apenas um retângulo para cada problema e esteja certo de que respondeu todos os itens.

	Nada	Um pouquinho	Alguma coisa	Muito	Extremamente
1. Eu tenho medo de autoridades (por exemplo, professores, instrutores, diretor, etc.).	<input type="checkbox"/>				
2. Eu fico incomodado de corar (ficar vermelho) na frente dos outros.	<input type="checkbox"/>				
3. Festas e eventos sociais me assustam.	<input type="checkbox"/>				
4. Eu evito falar com pessoas que eu não conheço.	<input type="checkbox"/>				
5. Ser criticado me assusta muito.	<input type="checkbox"/>				
6. O medo de ficar constrangido me faz evitar fazer coisas ou falar com outras pessoas.	<input type="checkbox"/>				
7. Suar na frente dos outros me causa mal-estar.	<input type="checkbox"/>				
8. Eu evito ir a festas.	<input type="checkbox"/>				
9. Eu evito atividades nas quais sou o centro das atenções.	<input type="checkbox"/>				
10. Falar com estranhos me assusta.	<input type="checkbox"/>				
11. Eu evito ter que fazer discursos ou palestras (como falar na frente da turma ou para uma platéia).	<input type="checkbox"/>				
12. Eu faria qualquer coisa para evitar ser criticado.	<input type="checkbox"/>				
13. Palpitações (batidas fortes ou rápidas) do coração me incomodam quando eu estou perto dos outros.	<input type="checkbox"/>				
14. Eu tenho medo de fazer coisas quando as pessoas possam estar olhando.	<input type="checkbox"/>				
15. Ficar constrangido ou parecer estúpido estão entre meus piores medos.	<input type="checkbox"/>				
16. Eu evito falar com qualquer autoridade (por exemplo, professores, instrutores, diretor, etc.).	<input type="checkbox"/>				
17. Tremer na frente dos outros me causa mal-estar.	<input type="checkbox"/>				